

Segundo turno tem abstenção recorde de 31,23% na região

Deixaram de votar 406,6 mil eleitores aptos em São Bernardo, Diadema e Mauá

ANDERSON AMARAL
andersonamaral@dgabc.com.br

Tês a cada dez eleitores aptos a votar nas três cidades onde houve 2º turno no Grande ABC (São Bernardo, Diadema e Mauá) não compareceram às urnas, segundo o TSE (Tribunal Superior Eleitoral). De 1,301 milhão de pessoas que compõem o eleitorado nesses municípios, 406,6 mil deixaram de votar, ou 31,23% do total. No primeiro turno, o índice médio ficou em 25,6%.

A taxa de abstenção no 2º turno do pleito deste ano é a maior desde a fase final das eleições de 2000 (veja gráfico ao lado) – mais alta, inclusive, do que a do turno decisivo de 2020, realizado durante o auge da pandemia de Covid-19. Naquele ano, a ausência foi de 28,72%. Em São Bernardo, o número

de fiéis (207.712) superou, inclusive, a votação do prefeito eleito, Marcelo Lima (Podemos, 205.831). Nulos e brancos somaram mais 66.051, o que significa dizer que 42,57% dos eleitores não votaram ou não escolheram nenhum dos dois candidatos no segundo turno na cidade – indicador este que é comumente chamado de “não voto”.

Em Mauá, o total de ausentes (97.318) superou a votação obtida pelo segundo colocado, Anita Jacomuzzi (União Brasil, 86.817). Porém, somados os votos nulos e brancos (32.187), o contingente de eleitores que não votaram em nenhum dos dois candidatos chegou a 129.515 (40,7% do eleitorado), bem acima dos votos obtidos por Marcelo Oliveira (PT, 102.115).

Em Diadema, tanto Taka Yamauchi (MDB, 116.003) como José de Filippi Júnior (PT, 104.556) tiveram mais

MUNICÍPIO	Eleitorado	Abstenção	%
São Bernardo	643.023	207.712	32,30
Diadema	340.373	101.592	29,85
Mauá	318.437	97.318	30,56
GRANDE ABC	1.301.833	406.622	31,23



votos do que o total de abstenções (101.592) no 2º turno. Porém, somados os votos nulos e brancos (18.222), o “não voto” chegou a 119.814, ou 35,2%.

AVALIÇÃO
Diego Corrêa, professor de Ciência Política da UFABC (Universidade Federal do ABC), explica que, historicamente, a abstenção no 2º

turno costuma ser maior que a da fase inicial. “Há uma razão simples para isso: as pessoas que votaram no 1º turno e viram que seu candidato não avançou tendem a se sentir menos motivadas para votar”, explicou.

O professor, porém, citou como exceção à regra o 2º turno em Fortaleza, onde a taxa de abstenção foi de 15,84%, a menor entre as cidades com a segunda etapa do pleito. “A cidade teve uma eleição muito acirrada, com o candidato do PT (Evaristo Leitão) vencendo por pequena margem de votos. Isso motivou as pessoas a votar, porque sabem que um voto para um lado ou para o outro, pode fazer a diferença.”

Corrêa destaca ainda que, como o gráfico mostra, a taxa apresenta tendência histórica de crescimento, que não ocorre só no Brasil, mas no mundo inteiro. “Essa curva ascendente é fruto do desenvolvimento. Nos locais mais desenvolvidos, as pessoas têm mais renda, são mais móveis e têm mais condição

de viajar e ir para outras cidades, o que diminui a taxa de comparecimento, porque as pessoas não veem razão para voltar e depositar o voto na urna. É uma relação de custo-benefício”, prossegue.

O especialista ressalta que o custo operacional de não votar no Brasil é baixo – o que, na prática, torna facultativo o voto que, segundo a Constituição, é obrigatório. “Justificar é muito fácil. Hoje, você pode fazer isso pelo e-Título, e a multa é muito baixa. Nos anos 1980, 1990, a abstenção era pequena porque as pessoas ficavam com medo, havia uma série de punições. Agora, as pessoas perderam o medo de não votar.”

Corrêa discorda da tese comumente aceita segundo a qual a taxa de abstenção vem aumentando devido ao crescente desencanto com a classe política. “É uma tendência natural. Pode ter certeza de que, daqui a quatro anos, a taxa vai aumentar, mas isso não significa que as pessoas estão apáticas para a política.”

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Política/Regional/Nacional Pagina: 3